

**CINE-TEATRO SANTANA APRESENTA:
CULTURA, POLÍTICA E LAZER NA “PRINCESA DO SERTÃO”
(1919-1949)**

Aline Aguiar Cerqueira dos Santos
Mestranda em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)
E-mail: aguiarzen@hotmail.com

Palavras-chave: Cine Teatro Santana. Lazer. Sociabilidade. Cidade.

O Cine-Teatro Santana surgiu, em 1919, a partir da fusão do Cinema da Vitória e o Teatro Santana. E tal espaço passou a ser utilizando tanto para as exibições de filmes, quanto para os diversos espetáculos teatrais, musicais e literários. Sobre a mistura dessas duas artes, Raimundo Fonseca, ao se reportar a realidade de Soteropolitana, argumenta o quanto isto foi conflituoso, posto que o cinema, por ser ainda uma novidade no início do século XX, não tinha adquirido o prestígio que o teatro tinha.

Outro aspecto que evidencia a questão desse conflito se apresenta na fala de Silio Boccanera Júnior (2007), que ao vivenciar o processo da introdução do cinema na Bahia, afirmou que o teatro era uma arte mais politizada que o cinema, e que a junção dessas duas formas de diversão terminaria por desprestigiar o teatro, pois ele previa que “o cinema matará o teatro, assim como o jornal moderno, e as revistas ilustradas, vão despercebidamente, matando o livro” (BOCCANERA JUNIOR, 2007, p. 25). Assim, percebemos que as relações no campo do lazer experimentavam as tensões e conflitos entre duas artes que disputavam o mesmo espaço.

Em torno desse Cine-Teatro gravitavam grupos amadores (literários e dramáticos) locais que promoviam espetáculos beneficentes em prol de diversas instituições da cidade. Esse é uma característica que antecede o processo de fusão do Cinema Vitória com o Teatro Santana, conforme Euda Oliveira (2004):

O Teatro Santana, apresentava-se em princípio, como uma ambiente de caráter lúdico. Essa dimensão, entretanto, logo seria ‘enriquecida’ com as preocupações educacionais, por assim dizer, atribuídas às artes cênicas, bem como por uma preocupação com uma atuação filantrópica do teatro (OLIVEIRA, 2004, p. 35–36).

Com o processo de fusão, algumas das exibições de filmes também revestiam sua renda para fins filantrópicos, dando uma continuidade no desenvolvimento de ações beneficentes. Além disso, as diversas sociabilidades produzidas no ambiente do Cine-Teatro se relacionavam com as perspectivas de modernização e civilidade, idealizadas pelas elites locais, para Feira de Santana, com o interesse de difundir modelos de comportamentos coerentes com tais perspectivas. Portanto, o nosso objetivo é analisar estas sociabilidades e algumas formas de lazer através do Cine-Teatro Santana.

De acordo com o memorialista Antonio de Lajedinho (2004), o Cine-Teatro Santana estava situado na antiga Rua Direita (atual Conselheiro Franco), num terreno que pertencia à Santa Casa de Misericórdia. Sobre sua estrutura física Lajedinho afirma que:

(...) Tendo na frente uma porta larga que servia de entrada para a sala de espera, mais 2 portas de frente, para saída, e duas bilheterias entre as portas. Ainda na frente existia 3 janelas na parte alta, no mezanino, que , com advento do cinema, foram fechadas as laterais e transformadas em seteiras a central onde foi instalada máquina de projeção. (...) A parte interna era mobiliada com cadeiras, tendo uma divisão na parte próxima do palco (LAJEDINHO, 2004, p. 68).

Um dos seus arrendatários foi Raul Ferreira da Silva, que na época era diretor do jornal *Folha do Norte*, além de ser irmão do ilustre político local Arnold Silva, que por duas vezes foi intendente da cidade de Feira de Santana. Cabe destacarmos que essa relação do Cine-Teatro Santana e o *Folha do Norte*, através do envolvimento da família Silva, ressalta a questão desse espaço enquanto mais um instrumento de difusão dos ideais de civilidade e modernização pretendidos por esses membros da elite feirense, já que o citado periódico era o principal defensor desses ideais.

Este projeto de modernização e civilidade referia-se tanto às obras de infraestrutura, com ampliação das ruas e criação de avenidas, embelezamento da cidade, expansão da iluminação pública e construção das estradas de rodagem, visando dar à cidade ares modernos, quanto apontava a necessidade de civilizar a população, discipliná-la, incorporando novos hábitos, já que seus comportamentos eram tidos como arcaicos e incivilizados, sendo incompatíveis com o ideário de uma cidade designada “Princesa do Sertão”.¹ Sendo assim, as aspirações em relação à modernização eram destacadas no jornal não somente ressaltando o progresso através de tais

¹ Conforme Clóvis Oliveira, o sentido de ser “Princesa” se relacionava ao fato de “assumir o posto de cidade mais importante do interior do Estado, (...) nos quais os projetos de civilização estavam diretamente articulados à de uma memória que transformasse Feira de Santana em urbe, exercendo uma liderança na região em que estava inserida”. Sobre isto ver: OLIVEIRA, 2000.

obras, como principalmente, enfatizando a necessidade de “civilizar” o comportamento da população. Nesse sentido, algumas formas de lazer e diversão poderiam ser um dos caminhos para isto, posto que também foram práticas portadoras desse ideal de civilidade e progresso. Logo, serviam como um mecanismo de difusão de costumes mais urbanos contribuindo para que outras imagens da cidade fossem percebidas.

O Cine-Teatro Santana era um espaço de entretenimento multifacetado, pois nele eram realizados: espetáculos teatrais diversos, tanto de grupos amadores da cidade, quanto grupos itinerantes, vários tipos de concursos, exibições de filmes e seriados, apresentações de grupos musicais, números circenses elaborados especificamente para os palcos do Cine-Teatro.

Nas apresentações teatrais locais encontramos as representações do Grupo Taborda, e também apresentações de cunho religioso organizados por grupos religiosos como o núcleo das Noelistas. O Taborda era um grupo dramático que realizava suas reuniões e ensaios no Cine-Teatro Santana, no qual encenavam vários espetáculos. Segundo Euda Oliveira (2004), o Taborda foi um dos grupos dramáticos que teve uma maior duração em Feira de Santana, atuando de 1906 até 1934. Vejamos uma nota jornalística que destaca apresentação deste grupo na cidade:

Grupo Dramático “Taborda”

Na sua próxima representação será encenado o soberbo drama em 4 atos – “Gilberto, O Marinheiro” É a mais sensacional peça das que se há representado na Feira, nestes últimos vinte anos. A direção cênica de Miguel Araújo promete mais uma vez conquistar louros para o “Taborda”. (...) Está a se prever fiel e brilhante desempenho das partes, dada a competência do seu hábil diretor cênico, nosso engenhoso conterrâneo sr. Miguel Araújo, cujo mérito artístico como antigo ensaiador do “Taborda”, é bastante conhecido pelos admiradores das representações dramáticas, entre nós. “Gilberto, O Marinheiro” – é um arreglo sinistro de uma realidade amarga que corre em todas as épocas. (...). Sua representação impõe-se como um flagrante das misérias da civilização em nossos dias, a que a justiça pune, mas não extingue. Da autoria do apreciado intelectual baiano, Antônio Jacinto da Silva Guimarães Júnior (...) Extraordinário êxito vai ser, por certo, o desde esperado espetáculo, que se fechará com uma chistosa comédia. São estes os votos que fazemos ao distinto Grupo que, há um ano seguramente, representou com grande brilho o magnífico drama – “Esposa e Mãe”, sob a mesma direção de Miguel Araújo (FOLHA DA FEIRA, 30 out. 1933, p. 4).

Percebemos que a nota do *Folha da Feira* ressalta a importância da peça que está prestes a estrear, também, divulga alguns dados técnicos sobre o espetáculo, por fim nos informa o nome da última peça representada pelo grupo. Portanto, verificamos o quanto esse grupo era ativo na cidade, além disso, as notas elogiosas ao grupo se justificam também pelo fato de que o diretor do *Folha da Feira*, Martiniano Carneiro, pertencia ao Grupo Taborda, o

que possibilitava um espaço de maior divulgação das ações desse grupo dramático na imprensa feirense.

Quanto às exhibições de filmes e séries, foram apresentados de vários tipos, com destaque para aqueles que tinham a participação de atores renomados nesse período: Tom Mix, Rodolfo Valentim, Buck Jones, Bette Daves, entre outros. Em relação às séries e aos filmes exibidos podemos destacar: *As aventuras de Sherlock Holmes* (1939), *A Gangrena da Sociedade* (?), *Tarzan* (1919), *O Telephone da Morte* (?), *Cavalheiro Amador* (?), *Flash Gordon* (1936).

Os espetáculos musicais muitas vezes ficavam a cargo das filarmônicas da cidade – a Vitória, a Euterpe Feirense e a 25 de Março – que faziam alguns sarais no Cine-Teatro Santana, além de bandas e cantores de fora que animavam a noite feirense com diversos ritmos. Destaca-se a participação da poetisa e musicista Georgina Erismann, que por várias vezes se apresentou neste espaço. Além disso, quando na cidade havia a presença de algum circo, alguns espetáculos eram adaptados para o espaço do Teatro. É o que ocorreu em 1919, quando da passagem do Circo Belga na cidade, em que foi realizada uma dessas adaptações: “o Cine-Teatro Santana proporcionou aos seus habitues, no correr da semana, duas noites de diversão com a exibição da trupe belga Leb Alberts e dos seus cães sábios” (FOLHA DO NORTE, 22 mar. 1919, p. 1).

Para além de um espaço de lazer, o Cine-Teatro Santana foi palco de grandes eventos políticos na cidade, o que só reforça a idéia de que ele se caracteriza como um espaço multifacetado. Em visita a Feira de Santana, Rui Barbosa, em 25 de dezembro de 1919 realizou uma conferência no Cine-Teatro Santana, que de acordo com Raimundo Gama teria durado cerca de 50 minutos, tendo como tema principal a política na Bahia e no Brasil. Todavia, é a introdução do seu discurso que ainda perdura no imaginário sobre a cidade, a famosa intitulação que “de Vila Nova da Rainha à Feira de Santana, da antiga corte sertaneja tornava-se a bela Princesa do Sertão” (BARBOSA, 2002, p. 51). Porém, Gama afirma que tal intitulação, para alguns, teria sido criada por um jornalista da cidade. Mas o fato é que foi no palco do Cine-Teatro que essa conferência aconteceu, e o trecho introdutório que explicitamos acima apresenta uma representação sobre a cidade, que de arcaica passa ser vista como a cidade princesa, a cidade do progresso. Deste modo, como afirma Sandra Pesavento, “a cidade é um fenômeno o qual se revela pela percepção de emoções e sentimentos dados pelo viver urbano e também pela expressão de utopias (...) individuais e coletivas que esse habitar propicia” (PESAVENTO, 2007, p. 14). Isto significar dizer que a cidade, não somente é vivenciada, representada ou linda como um texto, mas que a cidade pode ser sentida através das

experiências dos sujeitos que estabelecem contato com ela, sejam moradores fixos ou apenas visitantes, que demonstram suas impressões da cidade, foi o que aconteceu com Rui Barbosa e muitos outros.

Em 24 de julho de 1926, D. Eulina Thomé de Souza, após ter realizado uma conferência no Paço Municipal sobre a causa feminista, participou de um Festival² no Cine-Teatro Santana, junto com outros intelectuais da cidade, como por exemplo, alguns membros do Grêmio Littero-Dramático Rio Branco (FOLHA DO NORTE, 24 jul. 1926, p. 1). O jornal *Folha do Norte* que veicula a nota sobre esse festival, não divulga a temática dessa reunião, mas provavelmente, eram exposições de idéias que se articulavam com as questões de ordem, progresso e moralização, pensadas na formação dos cidadãos. E no caso de D. Eulina de Souza, possivelmente, um dos temas abordados era a questão feminista.

Outro evento que podemos destacar foi uma reunião integralista, realizada em 1933, que tinha como finalidade receber a Caravana Integralista que estava visitando várias cidades para instalar um núcleo local Integralista. Segundo nos afirma o jornal *Folha da Feira*:

(...) A propósito, nosso meio terá brevemente o prazer de ser visitado por uma honrosa caravana integralista, em cuja frente se destacarão vultos de renome da nossa capital. Serão eles os srs. Dr. Caldas Coni, chefe provincial, na Bahia; Dr. Augusto Machado, professor da Faculdade de Direito; Dr. Carvalho Filho e Dr. Herbert Fortes, escritores de mérito no meio literário bahiano.

Nesta ocasião o Sr. Godofredo Filho fará brilhante conferência no Theatro Santana, com a assistência do publico em geral.

Sua palestra será intitulada: Integralismo e a realidade brasileira.

Efetuar-se-se-ão igualmente entusiasmos meetings em que falarão os talentosos caravaneiros (FOLHA DA FEIRA, 30 out. 1933, p. 4).

Através dessa nota, podemos perceber que o Cine-Santana era palco de grandes eventos políticos, já que nesse período, no Brasil, o Integralismo ganhava inúmeros adeptos. Enfim, umas séries de eventos ocorreram nesse local, que possibilitavam diversos tipos de relações, desde aspectos relacionados ao cotidiano cultural da cidade até eventos de grande repercussão política.

O Cine-Teatro ainda apresenta outro aspecto interessante, que diz respeito às redes de solidariedades que foram estabelecidas em parceria com algumas instituições, como o Grêmio Rio Branco e a Santa Casa de Misericórdia; e também em prol de vários estabelecimentos, a exemplo do Asilo de Nossa Senhora de Lourdes, do Monte Pio dos Artistas Feirenses, das

² O jornal *Folha do Norte* não deixa claro na nota de divulgação, qual era a temática desse Festival, apenas que uma série de mini conferências aconteceriam, realizadas pelos intelectuais convidados inclusive por D. Eulina de Souza.

filarmônicas, dentre outros. Essa rede de solidariedade, por sua vez, nos permite pensar que as relações estabelecidas entre essas instituições contribuíam para que existisse uma manutenção material e simbólica dessas formas de lazer e de entretenimento, ao passo que consolidava o Cine-Teatro Santana como um espaço de interseção dessa rede. Ou seja, havia uma rede de solidariedades entre estas instituições que fomentavam o próprio lazer na cidade, posto que entre as instituições beneficiadas estavam as filarmônicas e os clubes de futebol amadores. Um exemplo disso são alguns eventos realizados pelo Dr. Gastão Guimarães, membro do Grêmio Lítero-Dramático Rio Branco, em parceria com Cine-Teatro Santana, em benefício de alguns clubes de futebol da cidade, já que o Dr. Guimarães era um dos fomentadores do futebol entre as elites em Feira de Santana.

Em relação às impressões sobre o cinema na cidade feirense, através do espaço do Cine-Teatro, são o poema de Eurico Boaventura e as memórias Antônio de Lajedinho que nos dão a dimensão desse contato com a sétima arte. Boaventura, no seu poema *Cinema*, destaca que o cinema também era um espaço para se sonhar: “Cine-Teatro Santana, que me faz sonhar, outrora com bandidos roubando a minha coleção de selos e com certa lourinha mordendo-me a ponta do nariz!” (BOAVENTURA, 1990, p. 52). Assim, o Cine era o espaço onde se poderia sonhar tomando o lugar dos diversos personagens, aquele que o telespectador quisesse, bastava escolher, viajando por lugares antes nunca imaginados, e sem sair do lugar. E Lajedinho afirma como a platéia se entusiasmava com as exhibições dos filmes: “a rapaziada fazia questão de ocupar as gerais, porque ali todos aplaudiam batendo o acento da cadeira e gritando a cada castigo que o mocinho aplicava no bandido” (LAJEDINHO, 2004, p. 70). Portanto, essa é uma das mágicas que o cinema tecia no imaginário das pessoas, bem como nas suas próprias reações as situações apresentadas pelos filmes.

Para finalizar, destacamos o quanto às diversas sociabilidades produzidas no ambiente do Cine-Teatro se relacionavam com as perspectivas de modernização e civilidade idealizadas pelas elites locais para Feira de Santana, com o interesse de torná-la “Princesa”. Em minha percepção, muitos de seus eventos eram perpassados por esses pressupostos, seja nas palestras, seja nos recitais, e até mesmo nas peças, posto que este pudesse ser pensado como um instrumento para representar as aspirações modernizadoras que a elite difundia. Isto não quer dizer que os setores populares não circulavam nesses locais, pois os mesmo devem ser visto como espaços de conflitos tecidos na malha cotidiana, em que a Feira de Santana das quatro primeiras décadas do século XX se confrontava, tencionando entre o rural e o urbano. Como argumenta Michel de Certeau (1994), o cotidiano se apresenta como um campo dinâmico, em que novas formas de ser e estar vão se recriando constantemente, diante do

conflito da disciplinarização dos indivíduos e as resistências que estes apresentam a essa disciplinarização.

Referências

BARBOSA, Rui. A política da Bahia e do Brasil. In: GAMA, Raimundo. *Feira de Santana e Ruy Barbosa*. Feira de Santana: S. Ed., 2002.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é Sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

BOAVENTURA, Eurico Alves; BOAVENTURA, Maria Eugênia. *Poesia*. Salvador: Fundação das Artes, 1990.

BOCCANERA JÚNIOR, Sílio. *Os Cinemas da Bahia. 1897-1918*. Salvador: EDUFBA, 2007.

BURKE, Peter. *Variedades de História Cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de Fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

FOLHA DA FEIRA. Feira de Santana, p. 4, 30 out. 1933.

FOLHA DO NORTE. Feira de Santana, p. 1, 22 mar. 1919.

_____. Feira de Santana, p. 1, 24 jul. 1926.

FOSECA, Raimundo Nonato da Silva. *“Fazendo fita” : cinematógrafos, cotidiano e imaginário em Salvador, 1897 – 1930*. Salvador: EDUFBA – CEB, 2002.

FRANCO, Aninha. *O Teatro na Bahia através da imprensa – século XX*. Salvador: FCJA; COFIC; FCEBA, 1994.

GAMA, Raimundo. *Feira de Santana e Ruy Barbosa*. Feira de Santana: S. Ed., 2002.

LAJEDINHO, Antonio do. *A Feira na década de 30*. Feira de Santana, 2004.

OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos Santos. *Feira de Santana em Tempos de Modernidade: Olhares, Imagens e práticas do cotidiano (1950 – 1960)*. Recife: UFP, 2008.

OLIVEIRA, Clóvis F. Ramaiana M. *Do Empório a Princesa do Sertão: Utopias Civilizadoras em Feira de Santana, 1893-1937*. 2000. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2000.

OLIVEIRA, Euda Barbosa de. *A Função Social do Teatro em Feira de Santana 1892-1912*. 2004. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Métodos e Técnicas) – Universidade Salgado de Oliveira, Feira de Santana, 2004.

PESAVENTO, Sandra J. Cidades Visíveis, Cidades Sensíveis, Cidades Imaginárias. *Revista Brasileira de História*, v. 27, n. 53, jul/2007.

RUY, Afonso. *História do Teatro na Bahia*. Salvador: Livraria Progresso, 1959.

SANTOS, Anderson de Rieti Santa Clara dos. *Música nos Coretos; Ruídos nos Palacetes: O cotidiano das Filarmônicas de Santo Amaro da Purificação – Ba (1898 – 1932)*. 2009. Trabalho de conclusão de curso (História) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2009.

SANTOS, Cátia Maria Ferreira dos. *Visões de uma Cidade: Imagens Urbanas de Feira de Santana (1929 – 1940)*. 2004. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em História da Bahia) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2004.

SILVA, Aldo José M. *Natureza Sã, Civilidade e Comércio em Feira de Santana – Elementos para o estudo da construção de identidade social no interior da Bahia 1833-1937*. 2000. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2000.